O Observatório de Museus e Centros Culturais: uma agenda de pesquisa para a democracia cultural

Luciana Sepúlveda Köptcke

Pesquisadora do Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz e da Fiocruz-Brasília

Coordenadora executiva do Observatório de Museus e Centros Culturais[1]

Palavras-chave: democratização da cultura- museus- observatório

Abstract

This paper presents and discuss the development of un Observatory for the museums and cultural centers in Brazil in relation to public policies to increase culture democratization.

a) Observar é interagir: definição da proposta, antecedentes, objetivos e perspectivas.

O Observatório de Museus e Centros Culturais é um programa interinstitucional de produção, reunião, compartilhamento e divulgação de dados e conhecimentos diversos sobre os museus e sua relação com a sociedade. Visa oferecer subsídios para facilitar a avaliação e o monitoramento das ações e investimentos relacionados aos museus. Reúne informações sobre instituições museais variadas e propõe criar indicadores que permitam acompanhar os esforços de promoção da diversidade cultural e da garantia do direito à cultura, além do impacto destas instituições no desenvolvimento econômico, social e humano da sociedade. Promove o intercâmbio entre museus de arte, de história, os militares, os de ciência e todos aqueles que trazem as demais temáticas do campo cultural. Fruto da necessidade de pesquisadores e gestores de ter acesso a dados sobre os visitantes e as visitas aos museus no Brasil, o projeto foi iniciado em 2003 pelo Museu da

[1] O OMCC funciona sob a responsabilidade de uma coordenação composta pelos representantes das instituições mantenedoras do programa, a saber, a Fundação Oswaldo Cruz, o Departamento de Museus e Centros Culturais, DEMU/IPHAN , o Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST e a Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE. A missão, os objetivos, a estrutura de funcionamento do Observatório de museus e centros culturais foram aprovados em reunião ordinária da coordenação em 01 de fevereiro de 2007 e constam no documento constitutivo do mesmo.

Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz e estruturou-se em parceria com o Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e o Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Observar designa uma forma particular de olhar: um olhar avisado, metódico. Fitar com atenção, fazer observação científica, buscando chegar a um julgamento, a uma conclusão; constatar, perceber, notar (...) Atentar ou fazer atentar para mas, igualmente, expressar uma opinião ou julgamento, ponderar, replicar (Houais: observar). Os primeiros Observatórios conhecidos foram os Astronômicos: o lugar de onde se observava o céu. Simultaneamente lócus e práxis, o observatório contemporâneo constitui uma estrutura de acompanhamento e monitoramento da realidade social que ganha espaço em múltiplas áreas do conhecimento e de atividade[2]. A proposta sustenta uma gestão participativa da cultura. Mas os observatórios caracterizam-se igualmente enquanto tecnologia social de gestão da informação e do conhecimento. Considerando ambas as perspectivas pode-se definir tais estruturas como dispositivos de reunião, produção e compartilhamento de informação e de conhecimento que permitem a diferentes atores sociais melhor compreender, avaliar e participar da transformação e do debate acerca de um certo fenômeno ou dimensão da cultura. Podem variar em função de sua natureza institucional (associação, projeto, centro, programa, tecnologia, rede, fórum), da forma de gestão ou de sua tutela : interinstitucional, governamental, ou da sociedade civil e ainda segundo a natureza das atividades que realiza. Algumas experiências organizam-se como um fórum, um espaço para interlocução, para debate e confronto de opiniões e posições alternativas, onde a participação e o controle social ganham destaque (ex: Observatório da Imprensa, BR); outras pretendem principalmente agenciar competências e potencializar recursos (como o Observatoire des Musées da SMQ, o European Science and Technology Observatory, a Rede Observatório de Recursos Humanos em saúde) funcionando como uma estrutura horizontal de criação de sinergias (uma rede). Outras experiências de Observatórios constituíram um dispositivo de acompanhamento e

[2] Os Observatórios podem estar relacionados ao monitoramento ambiental mas também à violência, à saúde, à gestão da Ciência e da Tecnologia, da Imprensa, para citar alguns. São implantados e mantidos em instituições governamentais e não governamentais, universidades, institutos de pesquisa, entre outros.

registro sistemático e focalizado de um determinado fenômeno num tempo dado, reunindo e organizando informações, construindo dados e conhecimento (como o OAC de Portugal, o Observatoire des sciences et des Techniques, FR; o Observatório de Ciência, Tecnologia e Inovação em saúde) .

O Observatório de Museus e centros Culturais, traz como missão prover a sociedade, formuladores de políticas e gestores públicos com informações e conhecimentos atualizados sobre os museus e sua inserção na cultura, seu funcionamento, sua contribuição para o desenvolvimento humano, social e econômico; contribuindo para o alargamento do debate social e o fortalecimento do campo museal no âmbito da produção de conhecimento . Apresenta como objetivos

1. Promover um sistema de produção periódica e sistemática de dados sobre os museus nas áreas de estudo das práticas de apropriação das instituições pela sociedade, da produção cultural endógena à instituição; da sua gestão; da avaliação de políticas públicas referentes aos museus no campo da cultura e afins
2. Reunir, produzir e divulgar conhecimentos e práticas e promover a convergência e o diálogo entre diferentes campos do saber, abordagens teóricas e metodológicas multidisciplinares sobre a realidade dos museus nas áreas acima designadas;
3. Contribuir com a produção de indicadores referentes ao impacto dos museus na sociedade nas seguintes áreas:

Desenvolvimento econômico , social e humano;

Desenvolvimento e ampliação de referências culturais (democratização e diversidade cultural)

Contribuição junto ao sistema escolar e de C&T;

4. Promover um espaço de discussão das pesquisas e estudos sobre o museu, voltado também para os não especialistas, ampliando o âmbito do debate sobre a instituição para toda a sociedade.

Além de prover gestores e profissionais com dados para ação cotidiana e para a formulação de diretrizes e políticas, o OMCC pretende oferecer um espaço de escuta e de troca relacionando pesquisadores, profissionais e públicos a partir de um ponto comum: o interesse em discutir, propor e conhecer a oferta e o uso social de museus e a capacidade destas instituições em participarem ativamente de questões estratégicas para nossa sociedade, como o desenvolvimento humano, a democratização do conhecimento e a reflexão sobre o patrimônio cultural (consideramos a ciência e a tecnologia neste âmbito, enquanto cultura científica e tecnológica). Para tanto, deverá promover a divulgação e o debate sobre os resultados de suas atividades também junto aos não especialistas do campo museal.

Cabe ainda lembrar que a gestão cotidiana das questões relativas às exposições, à mediação, aos diversos serviços nos museus resulta da decisão de seus profissionais. Incorporar, ou não, os elementos de informação produzidos pelos dispositivos de pesquisa é uma opção. É fundamental que aqueles que solicitam ou executam pesquisas em seus museus estejam predispostos para negociar e escutar os visitantes, aceitando, eventualmente, a mudança que tal escuta pode sugerir.

b) Observar as práticas e o perfil dos visitantes. Para que? Por quê?

O primeiro protocolo de pesquisa desenvolvido pela equipe técnica do OMCC focalizou o perfil, a opinião e as modalidades de visita às instituições museais. A Pesquisa Perfil-Opinião foi realizada, primeiramente, em onze museus, nove situados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e dois em Niterói. Posteriormente, em 2006 e no decorrer de 2007, o protocolo foi aplicado em mais dois museus no Rio, um no Espírito Santo, seis em Belo Horizonte (MG) e em treze museus em São Paulo[3].

Os estudos de público com base na estatística cultural e sócio demográfica, particularmente os voltados para a construção de painéis comparativos e para a formação de séries históricas, como por exemplo os estudos na França nos anos 60/70/80/90, na Inglaterra nos anos 80/90, costumam

[3] Os dados da Pesquisa Perfil-Opinião 2005 foram parcialmente publicados no I Boletim do Observatório de Museus e Centros Culturais. Os resultados das pesquisas realizadas em 2006 e agora em 2007 serão publicados no II Boletim do OMCC, ainda no decorrer de 2007.

caracterizar a preocupação com a avaliação da gestão da cultura.

A ausência de dados estatísticos comparáveis sobre a cultura no Brasil indica a negligência histórica da sociedade brasileira no que toca o reconhecimento da importância da dimensão cultural para o seu desenvolvimento econômico, social e humano.

Embora a função civilizatória da cultura e seu potencial para o fortalecimento ou a gestação de identidades sociais e políticas tenha suscitado investimentos no Brasil desde a chegada da corte portuguesa, a produção de dados sobre a cultura limitou-se, via de regra, à reunião das informações coletadas pontualmente pelos próprios museus em seus relatórios anuais de gestão publicados nos Anuários Estatísticos do Brasil, até os anos 80. No mais, foram estudos pontuais encomendados pela iniciativa privada ou no âmbito da academia, em cursos diversos das ciências sociais, da comunicação, da antropologia, das ciências da informação ou das artes, da educação, da museologia, de turismo ou marketing que investigaram os museus e sua relação com a sociedade e a cultura. O divórcio entre o exercício do pensar, as práticas e as políticas públicas refletiu, muitas vezes, a "crença" na irredutibilidade do campo cultural às vicissitudes sócio-econômicas, justificando a crítica a qualquer tipo de ação ou avaliação governamental neste domínio, percebida como intervenção. No caso particular dos museus, não foi diferente.

O interesse por informações sistematizadas sobre a cultura e os museus nasce do enlace entre projeto político e intelectual. Neste sentido, cabe citar o exemplo da situação de produção de um dos trabalhos de referência na área da sociologia da cultura. A revelação da relação entre educação, cultura e condição social e o questionamento da desigualdade entre os diversos segmentos sociais e étnicos diante dos meios de produção, de expressão e de fruição da arte nos museus europeus, resultou de pesquisas altamente profissionais e academicamente reconhecidas que foram encomendadas por atores da administração pública do Estado francês à equipe do sociólogo Pierre Bourdieu, nos anos 60. Não teria bastado existir uma grande equipe de acadêmicos para que *L´Amour de l´Art* (1969) fosse escrito.

O professor da Universidade de São Paulo e responsável pela instalação do Observatório de Políticas Culturais Itaú, José Teixeira Coelho, argumenta que "o observatório é contemporâneo de seu tempo, e a decisão de organizá-lo não é neutra. Ela implica reconhecer sua individualidade em

um espaço físico determinado, num momento histórico específico e com um conjunto de valores, conceitos e objetivos a fundamentar sua atividade" (Coelho, 2007).

A partir de 2001, a UNESCO situa a expressão e a fruição da cultura em termos de *direito humano* e recoloca a questão do acesso, do direito à expressão e da *diversidade cultural*. Estas perspectivas relançam antigos desafios para os museus como a promessa de ofertar à sociedade um espaço para confronto, experimentação e debate, o "museu fórum", vocação consensuada entre alguns profissionais e intelectuais do campo museal há mais de 35 anos ainda sem total êxito (Cameron, 1971).

O Observatório de Museus e Centros Culturais organiza sua ação a partir da investigação da relação entre museu, cultura e sociedade. Não apenas a relação entre o museu e a difusão de uma cultura seja ela erudita ou popular, de avant-garde ou tradicional, mas a investigação do papel do museu *na* cultura. Cultura, enquanto sistema simbólico que apresenta um conjunto de códigos, valores, preceitos, regras, instruções, mecanismos de controle, que dão forma e sentido ao comportamento do sujeito, ofertando para cada indivíduo a possibilidade de construção de um papel no grupo. "*O Homem nasce equipado para viver mil vidas*, *mas acaba vivendo uma só*..." (Geertz, 1978). Por outro lado, a cultura pensada como "estrutura estruturante" da percepção de mundo, só é capaz de cumprir seu destino quando sucede em construir um consenso sobre o sentido, as prioridades, as categorias empregadas para classificar as coisas, os fenômenos, as pessoas, as relações sociais, as idéias.

Os sistemas simbólicos permitem a ligadura social. Cada membro do grupo compartilha aspectos de uma representação negociada da realidade, pautados pela competência subjacente de comunicação – conhecimento maior ou menor dos diferentes códigos em uso. O ser humano é capaz de aprender e socializar-se e assim pode, a princípio, aprender a tornar-se membro de qualquer grupo (Laraia, 1999). Entretanto, nenhum sistema de socialização é idealmente perfeito, não há sociedade onde todos os indivíduos sejam perfeitamente socializados, dominem todos os códigos ou sejam familiarizados com todos os aspectos de sua cultura: a participação do indivíduo em sua cultura será sempre limitada. A condição de reconhecimento da própria condição social varia conforme a perspectiva de posicionamento no campo social e não reconhece sempre os mesmos

recursos. Apenas alguns grupos podem reconhecer e lutar pela apropriação dos recursos, códigos, capitais em jogo. Esta distribuição desigual da necessidade ou do "gosto" cultural não seria em si um problema (por que todos deveriam visitar o museu de arte contemporânea em detrimento de qualquer outro uso de seu tempo livre?) caso todas as escolhas culturais fossem valorizadas, respeitadas, consideradas de forma equilibrada no mercado de trocas e reconversões simbólicas.

Por outro lado, a cultura é dinâmica, complexa e, internamente, passível de transformação. Esta acontece no bojo de lutas também políticas, pois a organização do sentido legítimo a ser consensuado, da criação de uma hierarquia subjacente entre as formas de expressão, as obras, as escolas para além das regras internas a cada campo de produção artística, interagem com os diferentes interesses que permeiam a organização estratificada dos grupos sociais, sejam eles simples ou complexos. A representação da realidade é parte constitutiva desta realidade: as significações explicativas da distribuição de poder econômico, político, de prestígio social encontra nos sistemas simbólicos esferas de legitimação ou de camuflagem sutil e fazem destes, potenciais arenas de embate pela legitimação de uma forma de ser, de criar, de expressar e de explicar as coisas.

> "(...) Assim, a sacralização da cultura e da arte, essa "moeda do absoluto" adorada por uma sociedade sujeita ao absoluto da moeda, preenche uma função vital para a consagração da ordem social: para que os homens de cultura possam acreditar na barbárie e persuadir seus bárbaros de sua condição, é necessário e suficiente que consigam dissimular a si próprios e às condições sociais que tornam possível não apenas a cultura como segunda natureza na qual a sociedade reconhece a excelência humana percebida como privilégio de nascença, (de berço), mas ainda a dominação legitimada (ou a legitimidade) de uma definição particular da cultura. E para que o círculo ideológico encontre-se perfeitamente fechado, basta apenas buscar na representação essencialista da sociedade, bipartida entre bárbaros e civilizados, a justificativa do monopólio dos instrumentos de apropriação dos bens culturais" (Bourdieu, 1969, p.165)[4]

[4] "*Ainsi, la sacralisation de la culture et de l´art, cette monnaie de l´absolu" qu´adore une société asservie à l´absolu de la monnaie, remplit une fonction vitale em contribuant à la consécration de l´ordre social: pour que lês hommes de culture puissent croire à la barbárie et persuader leurs barbares du dedans de leur propre barbárie, il faut et il suffit quíls parviennent à se dissimuler et à dissimuler lês conditions sociales qui rendent possibles non seulement la culture comme seconde nature où la société recconaît l´excellence humaine et qui se vit comme privilège de naissance, mais*

O olhar crítico das ciências sociais recai sobre algumas das instituições que tradicionalmente sustentaram o projeto da democracia moderna na Europa: as instituições de ensino, de produção do conhecimento, da memória e da cultura, dentre as quais o museu[5]. Inaugura-se a era da Democratização!

Democratizar ou democratização é um termo que pertence ao pensamento crítico, que significa, em sociologia, um processo particular de transformação social. Implica o reconhecimento e a legitimidade dos princípios de livre acesso e de igualdade de direitos diante da escola, dos museus, do esporte, da cultura, da saúde, etc., Propõe identificar os seus limites ao constatar, na realidade, desigualdades e privilégios de fato. Medir os primeiros e identificar e reduzir os segundos são os objetivos da democratização (Touraine, 1994). Pode-se inferir, então, que a democratização só existe quando medida. Um observatório, neste sentido, constitui um instrumento de apoio às políticas de democratização na cultura.

Mas o que se entende precisamente por democratização no campo dos equipamentos culturais, como os museus? Existem, via de regra, pelo menos três grandes fontes de confusão quando se analisa o processo de democratização vigente ou quando se propõem ações para sua realização. Tal confusão se origina na mescla de objetivos diferentes e na indistinção do objeto de comparação em questão. Uma primeira face desta confusão se mostra quando não se distingue a

encore la domination légitimée (ou si lón veut la légitimité) d´une définition particulière de la culture. Et que pour lê cercle idéologique soit parfaitement bouclé, il suffit quíls trouvent dans une représentation essentialiste de la bipartition de leur société em barbares et en civilisés la justification du monopole des instruments de l´appropriation des biens culturels". P.165, L´Amour de l´Art, tradução livre dos autores.

[5] Na modernidade, o reconhecimento da ordem social enquanto produção humana questionou, por meio da Razão, a concentração de poder e os privilégios das elites instituídas, propondo o reordenamento destas relações a partir da obediência a valores referentes ao interesse comum, diante de um projeto pactuado de progresso onde as sociedades encontrariam seu estado superior de desenvolvimento. As revoluções do século XVIII na Europa e na América do Norte repousaram sobre os princípios da liberdade e da igualdade em direitos para o cidadão, mas, principalmente, na crença em alguma *coisa maior,* de utilidade comum para o grupo. A liberdade dos indivíduos e a igualdade de direitos civis demandavam uma ação racional lastreada no pensamento científico, no julgamento crítico e na aceitação de regras universais. No século XIX, o processo revolucionário em curso no mundo ocidental inova e implementa tecnologias sociais e culturais visando promover e apoiar o projeto de formação dos estados nacionais. A idéia de Patrimônio, a universalização da educação elementar, as Viagens e Explorações Científicas, os Museus, as Grandes Exposições Universais, fizeram parte do projeto de alastramento do próprio espírito democrático.

discussão que aborda a oferta cultural daquela que foca a presença e o perfil dos públicos dos equipamentos culturais.

O problema parece localizar-se na ambigüidade do termo acesso. A acessibilidade pode ser percebida e perseguida em diferentes níveis ou dimensões. Um primeiro, diz respeito ao acesso material que concerne à existência física e a distribuição territorial equânime dos equipamentos; a proposição de tarifas populares; a consideração de pessoas com necessidades especiais nos espaços e equipamentos da cultura. O segundo faz referência à acessibilidade social, às chances, de fato, dos diferentes segmentos sociais de freqüentarem e praticarem os diversos espaços e obras culturais. Se a resposta ao primeiro nível se situa nas ações de renovação, construção, multiplicação dos equipamentos e atenção às políticas tarifárias, no segundo nível trata-se de agir sobre as condições de produção do desejo de cultura, combatendo as causas da desigualdade. Trata-se, pois de apreender o sentido das práticas para aqueles que as praticam no contexto de um grupo social e compreender as vantagens sociais, culturais/simbólicas e econômicas que delas podem derivar para os diferentes grupos (Octobre; e Donnat, 2001)

Logo, a democratização diz respeito tanto à oferta (garantia da facilidade de acesso para aqueles que praticam ou que desejariam praticar) quanto à apropriação, à escolha e à fruição diversificada de variados elementos da cultura por diversos grupos sociais.

Outro ponto de ambigüidade é aquele que mescla objetivos de aumento numérico de praticantes (volume dos que freqüentam um equipamento) e a diversificação da estrutura social dos públicos em questão. Como exemplo, pode-se salientar que a estrutura dos públicos dos museus que participaram da Pesquisa Perfil-Opinião do Observatório de Museus, no Rio de Janeiro, em 2005, se concentra nas camadas com altos percentuais fortemente escolarizados, de cor branca, empregados do setor privado e público com renda domiciliar mensal acima de 2.000 reais. Os participantes da pesquisa poderão avaliar, com a formação de séries históricas, a evolução desta estrutura segundo as ações desenvolvidas para acolher visitantes com perfil sociocultural diversificado. Igualmente, a comparação sincrônica, como apresentada neste livro nos capítulos III, IV e V, das características sociais e culturais dos visitantes entre os diversos museus participantes da pesquisa, pode melhor situar os esforços ou as características contextuais das instituições como promotores da prevalência

de um certo tipo de perfil de público.

É importante notar que a diversificação da estrutura social dos públicos de um equipamento não acarreta, de forma causal ou mecânica, seu aumento numérico. Da mesma forma, o aumento do número de visitas a um equipamento não significa o aumento de praticantes, mas pode apenas revelar a intensificação da prática entre os visitantes já recrutados.

Outro aspecto, ainda, da reflexão sobre a democratização dos equipamentos culturais é aquele que se preocupa com a natureza e a qualidade das experiências educativa, estética, social, de lazer ou cultural em jogo, visando promover relações diversificadas, profundas e significativas entre visitantes e objetos, espaços e experiências culturais. Tais esforços manifestam-se, por exemplo, através de políticas de fidelização.

Cabe sinalizar que a qualificação, a subjetivação da prática por meio de políticas de fidelização de um equipamento não acarreta *per se* a diversificação da estrutura social ou o aumento do número de visitantes. Pode-se promover atividades com grande densidade de sentido como oficinas, estágios, cursos, a criação de um comitê assessor para discutir a política e a agenda cultural de um equipamento cultural (um museu, por exemplo) com participação de grupos dos visitantes, sem que tais ações tragam, de imediato, grandes modificações quanto ao volume ou à diversidade da freqüentação.

Finalmente, aceitar usos diversos, seja, a diferença na maneira de perceber e apropriar a cultura, também demonstra tolerância e abertura à diversidade, condições necessárias para a sustentabilidade de uma cultura democrática.

Democratizar a cultura é uma ação multifacetada, onde coexistem diferentes objetivos que buscam integrar interpretações do que seja uma cultura democrática ou ainda, onde se garanta a pluralidade nos processos de produção, expressão, circulação/divulgação, fruição, apropriação da cultura. Para cada um dos aspectos e dos objetivos relacionados acima com a idéia de democracia precisa-se identificar diferentes indicadores e formas de acompanhamento. Importa esclarecer que todos os objetivos e aspectos precisam ser considerados e são necessários. Todavia, alguns se revelam muito mais complexos e difíceis de alcançar, (como a igualdade social na estrutura da freqüentação dos diversos equipamentos e das diferentes práticas) enquanto outros não conseguem

assegurar verdadeiramente a transformação do estado das práticas a médio e longo prazo (como o aumento no volume das práticas ou dos efetivos apenas).

A proposta de um Observatório de Museus e Centros Culturais com suas pesquisas, bases de dados compartilhadas, criação de indicadores, visando subsidiar gestores, políticos e profissionais do campo, indica a vontade de garantir uma estrutura de acompanhamento permanente da dinâmica de apropriação, renovação, produção, funcionamento dos museus em sua relação com a sociedade e com os campos da cultura. Mais precisamente, a Pesquisa Perfil-Opinião 2005 registrou o perfil dos visitantes e das modalidades de visita aos museus, propondo avaliar a diversidade social da frequentação destes equipamentos culturais e levantar pistas ou hipóteses sobre os elementos explicativos do fenômeno observado. Pretende conhecer quem visita, usa, conhece os museus, mas também as formas de visita, as expectativas, o sentido da prática e, por contraponto, quem permanece de fora, longe destas instituições. Espera que tal conhecimento possa apoiar práticas promotoras do encontro entre os museus e variados públicos mas que suscite também a reflexão permanente sobre a diversidade de usos e interpretações destas instituições e seu papel em nossa cultura. Tal preocupação ganha centralidade no escopo de um projeto de democratização do acesso à cultura por meio dos museus.

Referências Bibliográficas:

Bourdieu, P. E Darbel, A., *L´amour de l´Art, les musées d´art européens et leurs publics*, 2° ed. Les Editions du Minuit, Paris, 1969, 251p.

Cameron, D., The museum, a temple or the Fórum, *Curator*, 1971, XIV, 1:11-24.

Coelho, T., Da Opinião ao dado in *Revista Observatório Itaú Cultural*, /OIC – n.1 (jan/abr.2007), São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2007.

Donnat, O., Octobre, S., *Les publics des équipements culturels : méthodes et résultats d´enquêtes*, Ministère de la culture et de la communication, 2001, 261p.

Geertz, C., *Nova luz sobre a antropologi*a, Jorge Zahar, Rio de janeiro, 2001, 247p.

Laraia, R., *Cultura : um conceito antropológico*, 12° ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999, 115p.

Touraine, A., *Qu´est-ce que la démocratie ?* , Fayard, Paris, 1994, 297p.